

## **Para quem suspeita do “Grande Irmão”.**

**Luiz Roberto Sabbato**

Na ciranda da juventude era moda pertencer à esquerda festiva. Libanês de descendência, meu professor de Economia Política tentava demover-me. Em tom de brincadeira dizia que se a Rússia desse lucro estaria cheia de árabes. Certo dia deu-me um livro sobre o Comunismo, escrito por um guru de Direita cujo nome não me lembro. Tecendo inúmeros defeitos do regime, impressionou-me o autor quando afirmou que a camaradagem envolvia moradia de famílias em uma só residência, separadas por divisões de lençol. Apenas dois jornais circulavam, o Izvetzia e o Pravda. Em português, dizia que izvetzia significa notícia e pravda verdade. Dizia que o Izvetzia faltava com a verdade e que o Pravda não trazia notícia. Todo o conflito entre os camaradas era resolvido nos diversos politburos instalados pelo regime, havendo para isso juízes do povo, não profissionais, recrutados entre os pares dos jurisdicionados.

Infâmia. A que ponto chegava a propaganda anti-soviética, pensei.

Passaram-se os anos e finalmente o proletariado ganhou espaço no cenário político. Merecido, é evidente, mas, ao contrário do que aconteceu na Inglaterra, contaminado pelos ranços das velhas e ultrapassadas concepções bolchevistas, de Vladímir Ilitch Ulianov, dito Lênin, que um dia pensei tratar-se de odiosas propagandas anti-soviética.

Pelos tentáculos do totalitarismo de esquerda se instalam ou se pretende instalar os politburos tupiniquins, chamados conselhos, intervindo para censurar a imprensa, as atividades jurisdicionais, para restringir a autoridade dos órgãos de acusação, para governar as artes cênicas e, nesse passo, para dominar as consciências, objetivo indisfarçável dos que pretendem se eternizar no poder.

Não foi outra a conduta do totalitarismo leninista quando da tribuna do politburo central se expediam cartas secretas aos comandos regionais, como a endereçada ao camarada Molotov para confiscar bens da Igreja Ortodoxa Russa, altamente confidencial segundo Lênin: “Quanto maior o número de representantes do clero e da burguesia reacionárias que tivermos sucesso em fuzilar nessa ocasião, melhor, porque a essa audiência é necessário ensinar, precisamente agora, a lição de jamais ousar pensar em resistência, pelo motivo que for, por várias décadas” (Carta de 19 de março de 1922, original arquivado no Instituto Lênin e cópia arquivada no congresso inglês – Library of Congress, cf. [www.hospedagem.infolink.com.br/nostradamus](http://www.hospedagem.infolink.com.br/nostradamus)).

“Para atingirmos o mais rapidamente e com o maior sucesso a consecução dessas medidas no congresso, isto é, no encontro secreto” – prosseguia Lênin – “deve ser constituída uma comissão especial, com as participações obrigatórias do Camarada Trotsky e do Camarada Kalinin, sem dela ser dada qualquer publicidade com o propósito de providenciar a subordinação e condução de todas as operações, que não serão feitas em seu nome (da comissão), mas como uma ordem da plenária dos soviets e do partido. Designem-se aqueles que sejam especialmente responsáveis dentre os mais capazes, para levar adiante essas medidas nos conventos, monastérios e igrejas mais ricas”.

De repente a mais importante rede televisiva do país - tal como o Pravda - faltou com notícias sobre um empréstimo que postulava junto ao BNDES para safar-se da quebra no exterior. De repente, em troca e ao contrário do que se vê no dia-a-dia do trabalhador, a mesma rede televisiva – agora tal como o Izvetzia - anuncia a epopéica recuperação do mercado de trabalho.

A diplomacia fomenta o antiamericanismo. Um repórter só não foi expulso do Brasil porque alguns “dentre os mais capazes” do politburo desaconselharam a medida. Não porque fosse incorreta, mas porque tomada em ocasião inoportuna, quando mal se sedimentava o regime. O aprendizado do inglês é desestimulado pelo Itamaraty, como se a língua não fosse incontrolavelmente necessária às relações do comércio exterior. Os brasileiros não são a menina dos olhos dos americanos, mas os Estados Unidos são, sem dúvida, o maior mercado que temos no Exterior. Ao que parece a China foi considerada “economia de mercado” porque neste país diz-se haver livre circulação de trabalhadores e capital. E o Brasil, agora ostentando liderança militar e humanitária, ao invés de dar cabo à guerra entre o Vidigal e a Rocinha, prefere mandar soldados ao Haiti. Ao invés de pensar no nordeste, pensa na “Tsunami”.

E pobre de quem discordar, de quem se revoltar com os axiomas do regime. Ainda que desalinhado com a Ética o camarada será preservado. O opositor, como o Patriarca Tikhon da Igreja Ortodoxa Russa, será considerado opressor do povo. O primeiro será processado e logo absolvido. O segundo não será apenas processado e condenado. Será execrado, antes pela Administração Política do Estado, agora pelas Comissões Parlamentares de Inquérito. Assim pregava Lênin: “Penso ser aconselhável não tocarmos no Patriarca Tikhon, mesmo que haja indubitavelmente liderado toda essa revolta dos opressores do povo. Com relação a ele, a Administração Política do Estado (GPU) deve receber uma diretiva secreta no sentido de, precisamente neste momento, monitorar todas as comunicações dessa figura tendo os seus conteúdos compreendidos com toda a precisão e detalhes possíveis. Requisite-se Dzerzhinsky e Unshlikht

para pessoalmente relatarem ao Politburo, a intervalos semanais, sobre esse assunto”.

Aprovou-se, finalmente, a reforma do Judiciário. Instalou-se em Brasília o Politburo que governará a consciência dos juízes, embora se diga que o controle é saudável e foi concebido apenas para evitar abusos do único poder considerado suspeito pelos camaradas, ficando docemente constringidos os querubins do Executivo e do Legislativo.

O modelo é inconstitucional, ferindo a olhos desarmados o art. 2º da Constituição Federal, cláusula pétrea estatuída pelos constituintes de 1988. Quando da guerra fria dizia-se que nos Estados Unidos o americano se anunciava na Casa Branca e falava o que queria a respeito de Kennedy. Com a mesma liberdade o russo se anunciava no Kremlin e falava o que queria – não a respeito de Kruchov, mas a respeito de Kennedy. Gostaria de não temer o conselho tupiniquim, na assertiva de que suspeito da parcialidade dos que, recrutados pelo próprio Politburo “dentre os mais capazes”, vão julgar a ação movida pelos juízes impugnando a constitucionalidade do controle externo do Judiciário.

Enquanto isso os “menos capazes” continuarão na mesma. Os tribunais foram unificados, permanecendo, entretanto, o mesmo número de juízes, as mesmas normas procedimentais, o mesmo número de matérias sujeitas à jurisdição, os mesmos recursos. A distribuição dos feitos será imediata, mas os juízes contarão com assessores, colegas do povo, não profissionais, que passarão a administrar justiça sem investidura.

Oxalá as próximas urnas possam reverter as perspectivas sombrias que se anunciam, na “lição de jamais ousar pensar em resistência, pelo motivo que for, por várias décadas”.

Porque mesmo com resistência o estrago está feito e levará anos para desvanecer-se.

Luiz Roberto Sabbato é Desembargador do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo.